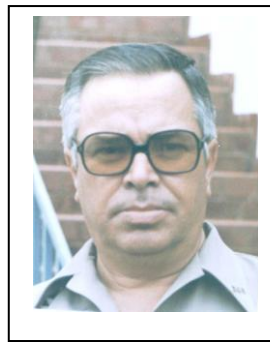


FHE **POUPEX**

CINQUENTENÁRIO DA ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de artigo da Revista do IHGRGN para disponibilizá-la em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa para ser integrada no Programa Pergamun de bibliotecas do Exército

Revista
do Instituto
Histórico
e Geográfico
do Rio Grande
do Norte

*Cel Bento
50 anos
em 2:24 d. 63*



DOADO A AMAN
CEL. C. M. BENTO
AHIMTB

R. IHGRGN

Vols. LXXXIV-LXXXV

Anos: 1992-1993

NATAL-RN

CINQUENTENÁRIO DA ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Cláudio Moreira Bento

(Sócio correspondente)

O Brasil participou do esforço de guerra aliado na 2ª Guerra Mundial, a partir de 22 de agosto de 1942, quando entrou na guerra após reconhecer o estado de beligerância contra ele de parte do Eixo e até 8 de maio 1945 - Dia da Vitória.

Sua extensão geográfica, a 5ª do mundo, sua posição geopolítica debruçada sobre o Atlântico e mais a sua solidariedade continental americana não lhe permitiram ficar neutro. Assim, participou militarmente da guerra nos teatros de operações do Atlântico e do Mediterrâneo, em decorrência do Acordo Bilateral Brasil - Estados Unidos, de 23 de maio de 1942, que foi coordenado pela Comissão Mista de Defesa Brasil - EUA que seria desdobrada em Washington e no Rio de Janeiro. As Forças Armadas do Brasil assim participaram na guerra: O Exército defendeu o território brasileiro e as instalações militares nele existentes, com ênfase na Zona de Guerra então criada, e dentro desta o Saliente Nordestino (estados RN, PB, PE, AL) e, nele, o triângulo Arquipélago de Fernando de Noronha - Natal - Recife, além do envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao Teatro de Operações do Mediterrâneo e que integrou o V Exército dos EUA; a Marinha a defesa dos nossos portos, patrulhamento oceânico e proteção de comboios isoladamente ou integrando a 4ª Esquadra Americana com Quartel General no Recife e, a Aeronáutica, ações de patrulhamento oceânico e proteção aérea de comboios, isoladamente ou integrando a referida 4ª Esquadra Americana, além do envio do 1º Grupo de Caça (O senta a pua) para integrar a Força Aérea Aliada do Mediterrâneo e uma esquadrilha de ligação e observação (1ª ELO), sob o controle operacional da FEB e também na Itália.

A cooperação inicial do Brasil com os Aliados ficou restrita ao continente americano. Cessada a ameaça de uma invasão das Américas pelo Eixo, pelo Saliente Nordestino, resolução da Comissão Mista de Defesa Brasil - EUA nº 16, de 21 de agosto de 1943, ampliou a participação militar do Brasil que foi traduzida na prática no envio de forças de terra e ar do Brasil para o Teatro do Mediterrâneo e a ação de nossa Marinha de Guerra além das águas continentais americanas.

Em contrapartida o Brasil recebeu dos EUA, para o cumprimento de suas missões bélicas no Atlântico e no Mediterrâneo o material bélico correspondente pela Lei de Empréstimos e Arrendamentos (Lend - Lease), além de instrução americana correspondente a guerra anti-submarino, proteção de comboios navais, caça aérea, defesa anti-aérea e de Costa e de Emprego de Divisões de Infantaria.

O esforço militar inicial do Brasil foi para defender em ações conjuntas de suas Forças Armadas o Saliente Nordestino. Este junto com a costa do Senegal na África, formava o estreito Natal-Dakar, através do qual os nazistas, antes de serem derrotados no norte da África, podiam tentar uma ação aeronaval ou mesmo ações tipo Comandos contra o Nordeste do Brasil, a partir da conquista do Arquipélago de Fernando de Noronha.

O Saliente Nordestino através da base aérea de Parnamirim, em Natal, cedida aos americanos, junto com a base aérea de Belém do Pará, se constituiu em acidente capital estratégico integrante da ponte aérea militar americana Natal-Dakar que foi essencial ao esforço militar aliado para a conquista do norte da África, do

O Oriente Médio de novembro 1942-13 maio 1943, invasão da Europa pela Itália e mesmo as operações militares dos EUA no Extremo Oriente.

A cooperação brasileira ao esforço de guerra aliado, a nível estratégico se caracterizou: Pela defesa do Saliente Nordestino do Brasil contra uma possível invasão das Américas pelo Eixo, através do estreito Natal-Dakar; pela captura pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) de duas divisões inimigas numerando 20.753 homens; pelo fornecimento de matérias primas estratégicas, como cera de carnaúba, batata, cristal de rocha e borracha, esta colhida pelos então chamados soldados da borracha que se embrenharam na Amazônia e, finalmente pela cessão temporária das bases aéreas no Amapá Belém e Natal que apressaram a vitória dos aliados na África, Europa e Ásia (Oriente Médio).

A base aérea de Natal permitiu que milhares de aviões militares dos EUA dela saltassem, sem, escadas, para a África e daí para a Europa e Extremo Oriente. A Base Aérea de Natal se projetou inclusive na vitória inglesa de El Alamein. Sem ela teria sido difícil o apoio dos americanos aos ingleses. Daí decorreu a expressão dada ao Saliente Nordestino -O Trampolim da Vitória onde se localiza a histórica Base Aérea de Parnamirim em Natal - Rio Grande do Norte.

O Brasil perdeu nesta guerra por morte, 1.889 brasileiros. Foram afundados 34 de seus navios, dos quais 31 eram navios mercantes além de abatidos 22 de seus aviões de caça, além de haver gasto com a guerra 21 milhões de cruzeiros (época). Durante a guerra as Forças Armadas do Brasil se modernizaram e se atualizaram doutrinariamente. A renovação de material bélico das mesmas foi expressiva, com base no Lend Lease. Elas se equiparam com o que havia de mais moderno: Caças-submarinos; aviões de caça, de bombardeio e anti-submarino; contra-torpedeiros de escolta; carros de combate; canhões de campanha, anti-carro, antiaéreo e de costa; radares e sonares; detentores de minas; gasolina gelatinosa, etc.

O Brasil teve a sua instrução militar atualizada com base em padrões das Forças Armadas dos Estados Unidos e na experiência operacional militar adquirida por frações de nossas Forças Armadas que integraram na Batalha do Atlântico a 4ª Esquadra Americana ou, a Força Aérea Aliada do Mediterrâneo e o V Exército dos EUA na Campanha da Itália. O povo brasileiro incluiu no rol de suas vitórias militares os combates de Monte Castelo, Castelnovo, Montese e Coléchio-Fornovo, vitórias mais expressivas de sua Força Expedicionária (FEB), com o concurso de sua Força Aérea Brasileira (FAB), através de seu 1º Grupo de Caça e 1ª ELO e de sua Marinha de Guerra que ajudou a escoltá-la para a Itália e a trazê-la de volta coberta de louros. O desenvolvimento da Aeronáutica do Brasil em função da guerra teve expressivos reflexos na acelerada modernização e expansão da Aviação Civil Brasileira.

O Brasil foi o único país da América Latina a participar fora das Américas do esforço de guerra dos Aliados, com o envio de tropas expedicionárias na cruzada vitoriosa contra o Eixo, em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial. Após a guerra, como deferência aliada, o Brasil manteve de 1945-50, na Alemanha ocupada, uma Missão Militar Brasileira chefiada pelo coronel Aurélio de Lyra Tavares, futuro Ministro do Exército Brasileiro e o primeiro com este título e hoje historiador militar e membro da Academia Brasileira de Letras e Patrono de caswira da FAHIMTB..

O Brasil já havia participado do esforço de guerra dos aliados na 1ª Guerra Mundial, através de sua Marinha de Guerra representada pela Divisão de Operações Navais (DNOG) ao comando do almirante Pedro Frontim e que operou no litoral da África, de Serra Leoa para o norte, como parte da esquadra dos Aliados ao comando do almirante inglês Heathcoat Grant. O Exército foi representado por sua Comissão de Estudos de Operações de Guerra e de Aquisição de Material na França, constituída de 24 oficiais que combateram no Exército da França, dos quais

ele promoveu 8 por atos de bravura. Comissão chefiada pelo general brasileiro Felipe Ache, ao qual estava subordinada a Missão Médica Especial enviada pelo Brasil, composta de médicos de nosso Exército e Marinha, além de civis formados ou acadêmicos e a disposição do Comando Único dos Exércitos Aliados. Um reduzido número de pilotos brasileiros do Exército e da Marinha se adestraram respectivamente nas aviações militares da França e da Inglaterra e nelas atuaram e se constituíram após em sementes, nos anos 10, das aviações do Exército e da Marinha do Brasil. Aviações que fundidas em 1941 deram origem a Força Aérea Brasileira (FAB). Estes pioneiros com o concurso de uma Missão Naval Americana em nossa Marinha de Guerra e da Missão Militar Francesa (MMF) em nosso Exército adestraram o Exército e Marinha entre as duas guerras mundiais.